

JUDITH TEIXEIRA: ENSAIOS CRÍTICOS NO  
CENTENÁRIO DO MODERNISMO (RESENHA)

SILVA, Fabio Mario da; RITA, Annabela; DAL FARRA, Maria Lúcia; VILELA, Ana Luísa; OLIVEIRA, Ana Maria (orgs.). *Judith Teixeira: ensaios críticos no centenário do modernismo*. Lisboa/Viseu/Porto: Edições Esgotadas, 2017.

ANDRÉIA DE LIMA ANDRADE<sup>1</sup>

---

1 Professora de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

“Embriaguei-me num doido desejo  
e adoeci de saudade”  
Judith Teixeira

*Judith Teixeira: ensaios críticos no centenário do modernismo* centra-se na figura dessa poeta portuguesa que ficou no limbo por décadas, conforme afirma Fabio Mario da Silva: “falar sobre Judith Teixeira é esbarrar, ainda hoje, numa figura silenciada” (nota prévia). No entanto, logo que foi dada à estampa as primeiras edições obra de Judith Teixeira não passou incólume, principalmente depois da edição da obra intitulada *Poesia e Prosa*, organizada por Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, em 2015.

O projeto para este livro surgiu durante o **Colóquio em Homenagem a Judith Teixeira**, ocorrido nos dias 28 e 29 de outubro de 2015, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e no Palácio da Independência, tendo como organizador principal Fabio Silva.

A coletânea conta com vinte e oito artigos e aborda diversas temáticas, como, por exemplo, o decadentismo, o modernismo, a literatura *queer*, a participação da autora na revista literária *Contemporânea*, o projeto e a direção da revista *Europa*, as ressonâncias clássicas e bíblicas, dentre outros temas.

O texto que abre o compêndio, de Ana Luísa Vilela, é intitulado: “O Sexo e o Nome. Notas para a leitura das novelas de Judith Teixeira”. O ensaio analisa, patologicamente e psicologicamente, as protagonistas Clara de Ataíde e Maria Margarida, das novelas “In-saciada” e “Satânia”, publicadas em 1927. Para Vilela:

as protagonistas das duas novelas não se constituem ortodoxamente como personagens, antes como uma espécie de arquipersonagem. Na verdade, integram ambas, julga a estudiosa, um “eu” ideal, eixo da narrativa, fonte material e motor operativo do sentido, ponto de convergência e irradiação do sistema de personagens e conflitos em cena. (VILELA, 2017, p. 18)

Remetendo-as, possivelmente, para condição de *tipo* ou porque não dizer de arquétipo. Ainda, segundo Vilela, “Fabio M. da Silva considerou a novela ‘Satânia’ ‘um perfeito exemplo de como o erotismo [,] associado aos instintos primitivos e à morte [...], também se condiciona pelos papéis atribuídos aos gêneros [...], além de possuir ideias embrionárias de um certo feminismo” (VILELA, 2017, p. 18). Em suma, Ana Luísa Vilela defende que “as duas novelas de Judith adotam a posição centralizada do feminino do ponto de vista da identificação subjetiva” (VILELA, 2017, p. 20). Logo,

nas novelas de Judith, a aporia insanável do desejo feminino convoca a morte – uma morte poderosamente manifesta e quase incompreensível. E, assim, um es-

quema narrativo consideravelmente repetitivo e rígido, sem demasiados equívocos ou imprevistos, pode cumprir um roteiro básico, e muito antigo: enunciar a clivagem do desejo feminino, e a impossibilidade de unir sem culpa nome e sexo. (VILELA, 2017, p. 28)

Ainda versam sobre a prosa judithiana os artigos de Chris Gerry (“A prosa novelesca e propagandística de Judith Teixeira”), sob a perspectiva da tradução; o de Fabio Mario da Silva, (“A saudade em Judith Teixeira”), analisando um manuscrito inédito do ponto de vista do lexema saudade; e de Iracema Goor, (“A arte como combate – Judith Teixeira”), ponderando a respeito da liberdade feminina no ato da escrita através da análise da conferência publicada em 1926. Contrapondo as Judiths do manifesto inédito *Da Saudade* e da conferência *De Mim*, Maria Lúcia Dal Farra evoca a poeta que vive “num ‘mundo de exceção’, que se recusa a trilhar ‘a vida redonda de toda a gente’, que se debate e se agita para não permanecer ‘estrangeira’ dentro de si mesma” (DAL FARRA, 2017, p. 308).

Por seu turno, o artigo de Ana Maria Binet, intitulado: “Judith Teixeira (1880 – 1959) ou o Primeiro Modernismo português no feminino”, discorre sobre a atuação da poeta no período do modernismo português e o silenciamento ocorrido por parte dos principais nomes do movimento. Binet apresenta dados da biografia de Judith Teixeira, a exemplo de ser filha ilegítima e ter o primeiro casamento anulado por denúncia de adultério, demonstrando quão reprováveis

esses fatos seriam para a sociedade viseense. Binet ainda alude ao escândalo no momento da publicação de sua primeira obra, *Decadência*, em 1923, que juntamente com as produções de Raul Leal, *Sodoma Divinizada*, e *Canções*, de António Boto, foram recolhidas das livrarias e possivelmente queimadas. Houve grande produção de Teixeira no início dos anos vinte, na mesma época da efervescência do Presencismo, no entanto, quase nenhuma menção é feita ao seu nome. Inclusive, Raul Leal e António Boto mereceram nota de Fernando Pessoa em defesa de suas obras, quanto a Teixeira, silêncio. Por isso, para Binet, essas condicionantes podem apontar:

Com efeito, era raríssimo em Portugal ousar cantar os prazeres dos amores femininos, particularmente quando apareciam envoltos, como é aqui o caso, nas brumas da morfina. Judith Teixeira tende assim a desafiar os tabus, morais, mas também formais, utilizando a linguagem como instrumento de subversão. (BINET, 2017, p. 38)

Em razão disso, a pesquisadora conclui que “enquanto poetisa, Judith Teixeira morreu esquecida de todos, menos da censura salazarista que condenou as suas obras a um sono prolongado” (BINET, 2017, p. 41). Binet ainda traz outros nomes femininos que produziram aquando do modernismo em Portugal e que poderiam estar ligados a tal estética, a exemplo de Florbela Espanca e Irene Lisboa, mas que, no en-

tanto, ficaram à margem. Contudo, vale ressaltar que Irene Lisboa aparece em alguns manuais como pertencente a Geração de Presença.

Pensando as interfaces das artes de Judith Teixeira e Tarsila do Amaral, nos modernismos português e brasileiro, assim como, o fato delas estarem presentes no mesmo espaço literário, a revista *Contemporânea*, Angela Maria Rodrigues Laguardia investiga a presença das duas artistas modernistas na referida publicação:

Seus poemas aparecem em três números de *Contemporânea*, os dois primeiros em 1922, antecipando suas publicações: “Fim” (n.º 2, junho de 1922, p.59) e “O meu chinês” (n.º 6, Natal de 1922, p.128), pertencendo à coletânea *Decadência*. Sua terceira contribuição, “A cor dos sons”, acontecerá em 1926 (3. Série, n.º 1, maio de 1926, p.41) e faz parte de *Nua. Poemas de Bizâncio* (1926). Esta última contribuição antecipa em um número a estreia de Tarsila do Amaral, em *Contemporânea*. (LAGUARDIA, 2017, p. 59)

O mesmo número que traz o poema de estreia de Judith Teixeira, também estampa, segundo a investigadora, a participação de António Ferro. Sugerindo, assim, um diálogo entre os modernistas e que de acordo com Cláudia Pazos Alonso, citada por Angela Laguardia, “Judith Teixeira foi destaque na *Ilustração Portuguesa*, uma revista semanal de grande circulação, que durante algum tempo foi dirigida por António Ferro” (*apud* LAGUARDIA, 2017, p. 60). No artigo,

em questão, vemos outras conexões e correspondências entre escritores brasileiros e portugueses, sobretudo com António Ferro. É demonstrada também a relevante participação de Tarsila do Amaral no modernismo brasileiro e sua contribuição com a revista *Contemporânea*, que tem, em seu penúltimo exemplar, a capa ilustrada por Tarsila, “três ilustrações aparecem no artigo de António Ferro, ‘Tarsila do Amaral’ para a mesma revista, na seguinte ordem: *O Mamoeiro* (1925); *O Pescador e E.F.C.B* (1924)” (LAGUARDIA, 2017, p. 62).

E, para nós, fica a pergunta: por que a produção judithiana permaneceu tanto tempo no limbo? Por que tamanho silêncio diante de uma obra tão expressiva, de uma tão grandiosa poeta?

Algumas hipóteses que podem responder a tais perguntas estão em trabalhos presentes no compêndio em análise, a exemplo dos escritos que trazem a temática *Queer* na poética de Judith Teixeira, o caráter subversivo de sua produção, o erotismo e o culto ao corpo, conteúdos não aceitáveis na escrita de autoria feminina. A tônica mais forte em Teixeira, o erotismo, incomoda a sociedade portuguesa, visto que ora ele é enfatizado demais e demonizado, ora é invisibilizado, como se fosse denegrir a obra da autora.

Desta feita, os artigos “Judith Teixeira, uma poética *Queer* em Portugal no começo do século XX”, de Ana Raquel Fernandes; “Uma leitura *queer* da Conferência “De mim” de Judite Teixeira”, de António Fernandes

Cascais; “Judith Teixeira uma poética hétero e homoerótica”, de Isabel Ponce de Leão; “Lesbianidade e resistência em Judith Teixeira: uma leitura de ‘A minha Amante’”, de Lina Arão e Henrique Marques Samyn; “A escrita transgressora de Judith Teixeira, de Marly Catarina Soares; “Resistência e Subversão na poética de Judith Teixeira”, de Michelle Vasconcelos de Oliveira Nascimento e Rodrigo Santos de Oliveira; “A poesia ou a perturbação moral”, de Susana Rosa; “Judith Teixeira, o símbolo de um novo tempo”, de São José Almeida expõem o caráter transgressor da obra da escritora e revelam como a crítica entende que essas temáticas são importantes para se repensar o papel da autoria feminina na literatura portuguesa através de temas que a academia considerou, durante muitas décadas, marginais. Por isso, como a autora mesma declara em *De mim*, influenciada pelo *Manifesto Futurista da Luxúria*, de Valentine de Saint-Point: a Arte não se encontra a serviço da moral, nomeadamente da moral urbana burguesa em que se move.

Ampliando a discussão sobre o manifesto *De Mim*, o artigo de Catherine Dumas assinala o modernismo em Judith Teixeira, e na segunda parte do texto, a pesquisadora estabelece um diálogo com a obra poética de Mario de Sá-Carneiro apontando “a encenação de si no autorretrato como forma amplamente utilizada por Teixeira e Sá-Carneiro” (DUMAS, 2017, p. 128). Seguindo, ainda, o caminho da intertextualidade, a investigadora intersecciona a poesia de Judith Teixeira

numa aproximação com três poetas contemporâneos: Maria Teresa Horta, Alexandre O'Neill e Ana Luísa Amaral. Estabelecem também esses estreitamentos os artigos de Inês Pedrosa (“Judith Teixeira e Maria Teresa Horta: poéticas do corpo”), e o de Patrícia da Silva Cardoso (“Eu queria ser mulher para não ter que pensar na vida”). Na mesma vertente comparatista, encontramos os textos de Isa Severino, “Judith Teixeira e Florbela Espanca – revisitadas”; “Entre dores: Judith e Florbela”, de Eliana Luiza dos Santos Barros; e “Ecos na escuridão Escritoras Portuguesas Vozes Controladas, silenciadas, ou de outra forma ignoradas”, de Deolinda M Adão.

Por seu turno, Maria do Carmo Cardoso Mendes vai analisar a perspectiva decadentista na obra de Judith Teixeira a partir de conceitos baudelairianos, dialogando a poética da autora com Camilo Pessanha e Mário de Sá-Carneiro, em “Cores ardentes: imagens decadentistas na poesia de Judith Teixeira”. Por isso, no poema que abre a obra *Decadência*, “Crepúsculo roxo”, encontramos no entardecer um tom melancólico, porque a cor adjetivada ao ocaso, geralmente, está associada ao que é soturno. A estrofe termina com o eu poético desalumiado, pois até a morte o abandonou. Versos como esses fizeram com que Maria do Carmo Mendes associasse “a exaustão do sofrimento e o entendimento da vida como sucessão lenta de dor desencadeiam uma aspiração de anulação que re-

corda a poesia de Camilo Pessanha” (MENDES, 2017, p. 294).

Num viés um tanto diferente, parecendo destoar do conjunto de estudos presentes na coletânea, está o artigo: “Ressonâncias clássicas e bíblicas na obra de Judith Teixeira”, de António Manuel de Andrade Moniz. O objetivo do estudo é “analisar as ressonâncias clássicas e bíblicas na obra de Judith Teixeira, uma pioneira das escritoras femininas em Portugal, no início do século XX, um século fundamental na luta pelos direitos das Mulheres, em paridade com o multissecular domínio masculino na esfera pública” (MONIZ, 2017, p. 107), revelando, assim, algum componente místico-religioso na obra da autora.

A coletânea ainda apresenta artigos que trabalham o corpo e o erotismo: “Rubro corpo do ser: Judith Teixeira e existencialismo”, de Paulo Geovane e Silva; “Judith Teixeira: o corpo insólito”, de Martim de Gouveia e Sousa. Estudo que pondera a respeito do cânone, pensando o trabalho artístico e intelectual feminino, “*Europa*, de Judith Teixeira e o *Almanaque das Senhora (1870-1928): reflexões sobre mulher e literatura*”, de Juliana Cristina Bonilha. Já Jorge Valentim faz a leitura da poesia judithiana pelo viés dos textos considerados clássicos pela literatura, num escrito intitulado “Judith Teixeira, um clássico!”. Por fim, “Um espaço reservado – o quarto. De portas abertas... em versos de Judith Teixeira”, de Elisangela da Rocha Steinmetz, traz a escrita da alcova, lembrando como

esse lugar foi durante séculos reservados e identificados com as mulheres.

Pela multiplicidade de análises temáticas e perspectivas, o livro *Judith Teixeira: ensaios críticos no centenário do modernismo* se consolida como a principal fonte de consulta para se estudar a obra de uma mulher com um percurso biográfico e uma produção transgressora para os padrões de Portugal no início do século XX.